

RESENHA DE *O ABECEDÁRIO QUE FINGE SER MUDO*, DE ERNESTO MOAMBA. CIDADE DA BEIRA: MOÇAMBIQUE EDITORIAL FUNDZA, 2022

Tania Maria Nunes de Lima Camara

Ernesto Moamba

O Abecedário que finge ser mudo

Ilustrações: Arfana Kom



Quando o olhar do leitor se volta para o texto literário, tendo por foco a questão sobre o público a que se destina determinada obra, logo vem à mente o fracionamento do domínio discursivo literário em termos da faixa etária que mais se identificaria com essa obra, rotulando-a com a já esperada adjetivação: infantil, juvenil, adulta. Contudo, entendemos, assim como vários autores e estudiosos do tema, que o texto literário não deve receber rótulos.

Segundo Bartolomeu Campos de Queirós, ao se aceitar o adjetivo “infantil” adjunto ao substantivo “literatura”, estaria implícita a sugestão de tratar-se de uma narrativa de qualidade inferior. Queirós esclarece também que:

Quando escrevi *O peixe e o pássaro*, a Enriqueta Lisboa disse que a natureza é muito sábia. [...] A natureza, com essa sabedoria dela, nunca fez um rio para adulto e outro para criança. E que não era inteligente fazer uma literatura para adulto e outra para criança. Ou é literatura ou não é literatura. [...] Quando se põe o carimbo “para crianças”, quando tem destinatário, a gratuidade da literatura se perde. (QUEIRÓS, 2011, s.p.)

Já em 1981, Nelly Novaes Coelho, em *A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*, aborda a adoção do rótulo geral “literatura infantil”, “para indicar as diferentes modalidades, apenas por uma questão operativa: facilitar a exposição das ideias” (COELHO, 1981, s.p.). E, adiante, defende que

partindo do dado básico de que é através de sua *consciência cultural* que os seres humanos se desenvolvem e se realizam de maneira integral, é fácil compreendermos a importância do papel que a Literatura pode desempenhar para os *seres em formação*. É ela, dentre as diferentes manifestações da Arte, a que atua de maneira mais profunda e duradoura, no sentido de *dar forma e de divulgar os valores culturais* que dinamizam uma sociedade ou uma civilização. (COELHO, 1981, p. 3)

Ernesto Moamba, escritor moçambicano, referência para a elaboração desta resenha, afirma ser a chamada

Literatura Infantil uma escrita dirigida ao público leitor em geral, independentemente de classificações etárias. A única preocupação, segundo o autor, se dá em relação às escolhas linguísticas, que devem ser acessíveis a todos no intuito de garantir a eficácia da leitura, conduzindo a uma interpretação adequada. Assim, é possível considerar ser a capacidade de desfrutar do aspecto sensível da obra que faz despertar a atenção e provocar o envolvimento de leitores de diferentes idades – crianças, jovens, adultos.

Moamba nasceu em Maputo, capital de Moçambique, em 4 de agosto de 1994. Conhecido como “Filho da África”, sua escrita é frequentemente marcada pela dor, pelo desespero e sofrimento que acompanha o continente em que nasceu, e pela desatenção e o esquecimento de grandes e médias potências mundiais em relação aos sérios problemas dos quais seu país é vítima.

Ele é membro fundador da Academia Mundial de Cultura e Literatura, onde ocupa a cadeira 21, cujo Patrono é o poeta catarinense Cruz e Sousa, registrado na literatura brasileira como o mais importante representante do Simbolismo. Filho de pais negros escravizados, ainda em criança foi apadrinhado por um senhor de escravos, o que, de um lado, lhe possibilitou educação formal erudita, e, de outro, não o

livrou do preconceito racial que o acompanhou ao longo de sua vida.

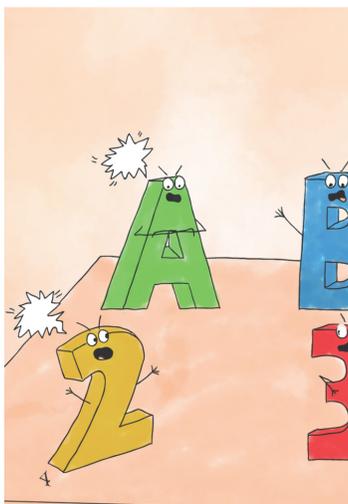
Um elo possível de ser estabelecido entre Cruz e Sousa e Ernesto Moamba encontra-se, efetivamente, no fato de ambos terem sua atenção voltada para os problemas de seus respectivos mundos circundantes. Cruz e Sousa tornou-se um abolicionista atuante, escrevendo poemas e textos em prosa contrários à escravidão. Moamba manifesta o canto de dor e lamento por conta de uma África ainda com locais que praticam o escravagismo.

Além de haver sido condecorado no Brasil pela Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos (OMDDH) com os títulos de Embaixador de Paz e Defensor dos Direitos Humanos e Destaque Internacional Cultural e Social, e Título Educacional em 2020, é detentor de vários prêmios por sua produção literária, dentre os quais se encontra o *Global Poet 2022 – Word Poetry Anthen*, concedido pela *World Poetic Meetings*, no estado do Texas, Estados Unidos.

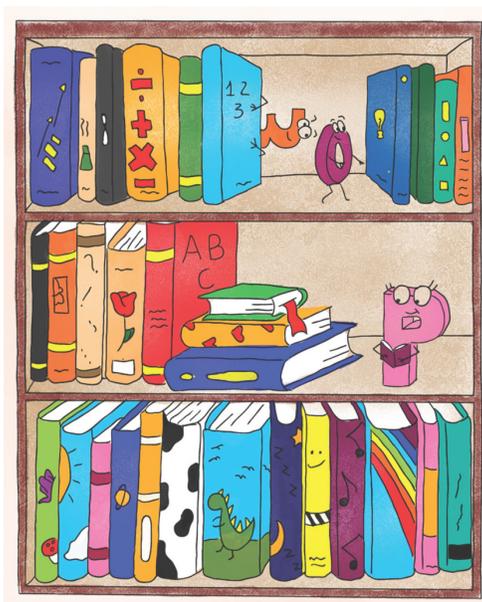
Com obras lançadas e publicadas no Brasil, nos Estados Unidos, na Colômbia, bem como em outros países, Moamba é, por exemplo, membro do Círculo dos Escritores Moçambicanos na Diáspora, com sede em Portugal, presidente do Núcleo Municipal de Maputo da Academia

Internacional da União Cultura – Brasil, presidente e membro fundador do Círculo Acadêmico de Letras e Artes de Moçambique, com sede em Maputo.

Busca-se aqui, então, resenhar uma obra escrita por Moamba e tradicionalmente classificada como literatura infanto-juvenil, não obstante o conteúdo exposto nos parágrafos iniciais: *O abecedário que finge ser mudo*, publicado pela editora Fundza, no Festival do Livro da Kulemba (FLIK), na cidade da Beira, em 2022. O conto foi escrito em 2020, durante a pandemia de Covid, que obrigou à maioria dos habitantes do planeta uma situação de confinamento. Metaforicamente, trata-se de uma fábula por meio da qual o autor traz uma narrativa que expõe a realidade atual não só de Moçambique, mas também do mundo em geral.



A história se passa numa biblioteca pública, onde viviam em paz, como “grandes e inseparáveis amigos”, as letras e os números. Certo dia, ocorreu uma enorme discussão “entre as letras A e B e os números 2 e 3, que eram considerados mais velhos e responsáveis pelos seus grupos”.



A discussão aconteceu por conta dos posicionamentos distintos de um menino e uma menina, irmãos gêmeos, sobre a importância das letras e dos números no mundo. Enquanto o menino “gostava muito de ler e achava que as letras eram a descoberta mais importante da Humanidade”, “a menina gostava muito dos números e dizia que sem eles a Humanidade ainda estaria a viver nas cavernas que

não iam conseguir fazer casas!”. Desde então, letras e números passaram a brigar, e, “para pôr fim a esta discussão desnecessária, as letras e os números resolveram organizar um desafio, a fim de provarem em público quem dentre eles era o melhor e mais destacado do mundo”.

A sequência da leitura do texto permite ao leitor inferir que o fato de, na parte superior de uma grande estante dessa biblioteca, se encontrarem os “livros científicos, os de matemática e os de engenharia”, dava aos números a ideia de sua superioridade, já que “na prateleira do meio havia livros de literatura nacional e estrangeira, romances, livros sobre História e Cultura” e, “na prateleira de baixo, ao alcance das crianças, estavam os livros didáticos e livros infantis de várias espécies, ao gosto daquelas que entrassem na Biblioteca”, numa representação visível do escalonamento descendente de importância, atribuída às obras situadas em cada uma das prateleiras.

Foi, então, proposto um desafio público pelas letras e pelos números representantes de cada grupo, a fim de decidir o grupo mais importante para a humanidade; ou seja, uma disputa que, metaforicamente, envolvia, de um lado, as ciências exatas, o aspecto quantitativo, o capital, e, no lado oposto, as ciências humanas, a palavra, a língua como instrumento de interação social.

Segue a narrativa, expondo o silêncio das letras no tocante a participar do desafio, considerado absurdo e sem propósito, principalmente pelas razões absurdas trazidas pelos números, arrogantes e vaidosos, para justificar o silêncio delas. A situação insustentável buscou ser resolvida pelos “móveis e imóveis da biblioteca – estantes, armários, janelas, cadeiras, mesas, portas, candeeiros”, que “fartos de todos dias presenciarem as letras do abecedário a serem humilhadas a cada minuto, resolveram convencê-las a participar de uma prova na sala maior da biblioteca”. Desse modo, “devido à insistência delicada das mesas, das cadeiras e janelas, que estavam mais próximas, as letras do abecedário aceitaram o convite, apesar de não ser do seu total agrado”. Os números foram, então, representados pelo 2, e as letras, pelo A.

Cabe aqui destacar a leitura possível da simbologia trazida pelos representantes de cada um dos conjuntos em disputa. Com relação ao número 2, traz à mente a dualidade, a oposição, como o bem e o mal, ou ainda os dois elementos do movimento dialético, como tese e antítese. Por sua vez, o A é a primeira letra de quase todos os alfabetos do mundo; deriva da letra grega *alpha*, advinda do grego mais antigo *Aleph* e representando, entre os povos antigos, um grande poder místico e características mágicas.

Retomando o texto de Moamba, após a realização de várias etapas do desafio em curso, mantendo-se o empate entre os concorrentes, “tinha chegado a última prova que era um texto para lerem e interpretarem. Foi quando o 2 se deu conta de que não sabia ler, começou a ficar nervoso e com o corpo todo a tremer pois viu que tinha cometido um erro e que aquele era o seu fim”. Apesar das várias justificativas apresentadas pelo referido número para o seu silêncio diante do texto que lhe fora apresentado – letras pequenas, necessidade de óculos –, a verdade era que, apesar “do orgulho e vaidade”, o número em pauta “não sabia ler nem sequer uma simples vogal”.



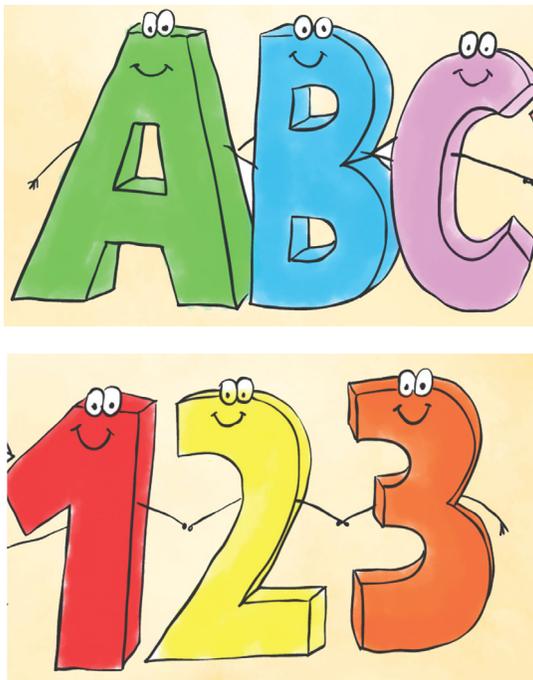
A plateia esperava, então, que o A lesse o texto, uma vez que, pertencendo ao abecedário, encontrava-se pronto para fazer cumprir as tarefas referentes à linguagem verbal. Para surpresa de todos, porém, o A, por ser muito humilde e simpático e haver assistido ao “desespero e arrependimento de seu adversário a escorregar pelos fundos do seu rosto, ficou com pena e decidiu também não ler o texto”. Mostrou, desse modo, a toda a plateia e aos próprios números o carinho que sentia por estes, apesar das injúrias sofridas.

A capacidade de ler, característica do conjunto de letras do abecedário, dava a ele a possibilidade de colocar-se no mundo por meio de um diferencial, na medida em que, em termos gerais, a leitura estimula o raciocínio; amplia o vocabulário e o conhecimento sobre diversos assuntos; aprimora a capacidade interpretativa; desenvolve a criatividade, o senso crítico, a interação social. No tocante, especificamente, à aproximação e ao envolvimento com o texto literário, ao lado de este ser capaz de tocar emocionalmente o leitor, auxilia o desenvolvimento da consciência cidadã, do pensamento crítico acerca de questões éticas, políticas, sociais e ideológicas. Considerando-se, pois, o universo positivo que o saber ler proporciona, bem como a postura de silêncio assumida

pela letra A, é fácil perceber, no texto de Moamba, o investimento do abecedário na igualdade entre os seres, o que, por sua vez, conduz à busca do equilíbrio social.

Em função de sua própria representação simbólica, certamente tais fatores influenciaram diretamente as reflexões do número 2, que, primeiramente, sozinho em seu canto e, depois, procurado pelos companheiros, confessou a estes saber “muito bem que a letra A do abecedário lia tudo, melhor que ninguém” e que ela “havia simulado aquilo para mostrar-lhe que no fundo eram todos iguais e que ele e os amigos estavam redondamente enganados ao pensar que eram superiores a todos”.

Concluindo a narrativa, o autor registra que “a partir deste dia, os números e as letras do abecedário viveram felizes, voltaram a ser amigos inseparáveis e mais próximos do que nunca porque agora sabiam que a amizade de ambos era mais importante que tudo na sua vida”. Fecha, pois, o texto mostrando que a união interna fortalece o conjunto e que, ao contrário, a divisão e o esfacelamento internos facilitam a intromissão de forças externas, que certamente conduzirá o grupo à perda de liberdade e à impossibilidade de ações adequadas aos interesses desse grupo.



Voltando-se ao início deste texto, quando se propõe a classificação do conto *O abecedário que finge ser mudo* como literária, sem qualquer adjetivação determinante, estima-se, com base no exposto, haver sido comprovado tal propósito. O conto ora em estudo comprova que diversos são os níveis de leitura possíveis e que, quanto mais profundo for o “mergulho” que o leitor realiza no texto, mais densa será a produção de sentido, advinda não só da faixa etária como também da maturidade leitora daquele que se encontra em contato com o texto.

Ao lado do verbal, a ilustração de Ariana Kom, com seu traço simples, agrada à criança, pela identificação que esta encontra entre os desenhos que produz e aqueles trazidos pela artista, do mesmo modo que agrada também ao jovem e ao adulto, pela viagem em seus respectivos túneis do tempo que aqueles possibilitam, permitindo a cada uma dessas faixas etárias revisitar, ainda que por meio da memória, representações não verbais de mundo, produzidas na infância.

Sem dúvida, o conto *O abecedário que finge ser mudo*, de Ernesto Moamba, diverte, encanta e provoca reflexões em relação não só à realidade de Moçambique, mas ao mundo em que se vive. Vale a pena conhecer e divulgar.

Referências

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981.

PAIOL LITERÁRIO. Bartolomeu Campos de Queirós. *Jornal Rascunho*. Curitiba, n. 135, jul., 2011. Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/bartolomeu-campos-de-queiros/>. Acesso em: 20 set. 2022.

Tania Maria Nunes de Lima Camara

Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005

Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Pesquisadora do Grupo de Pesquisa, Diretório de Grupos do CNPq, “EnLIJ – Encontros com a Literatura Infantil/Juvenil: ficção, teorias e práticas”.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0404290206593556>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0976-9361>.